REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 316

1 DE OUTUBRO 1887

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Agora é que se póde realmente dizer que Lisboa está na *morte saison*.

Nas ruas, pouquissima gente: a hora do regresso das villegiaturas não soou ainda, e a partida de Suas Magestades para o Norte levou da capital as pessoas da côrte a quem os seus cargos officiaes no paço, tinham forçado a passar aqui o verão.

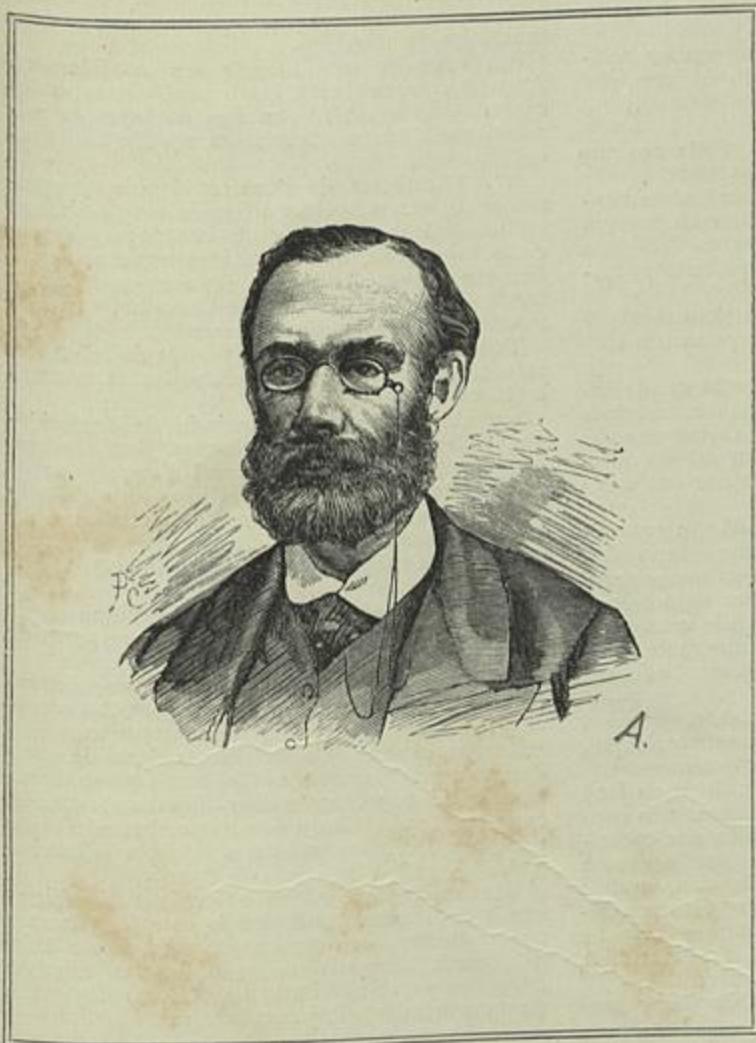
A politica está parada tambem: os ministros andam em villegiatura; o presidente do conselho e o ministro das obras publicas foram com Suas Magestades; nas secretarias o movimento é pouquissimo, nos jornaes cessaram os artigos de discussão politica, as accesas luctas partidarias, para dar logar aos telegrammas e correspondencias do Porto e de Braga, narrando as festas que se realisam e as que se preparam em homenagem á familia real, telegrammas e noticias para que quasi todos os jornaes enviaram correspondentes especiaes, acompanhando os reaes viajantes, e que, por amavel concessão de Sua Magestade El-Rei, tiveram logar no comboyo expresso de Suas Magestades.

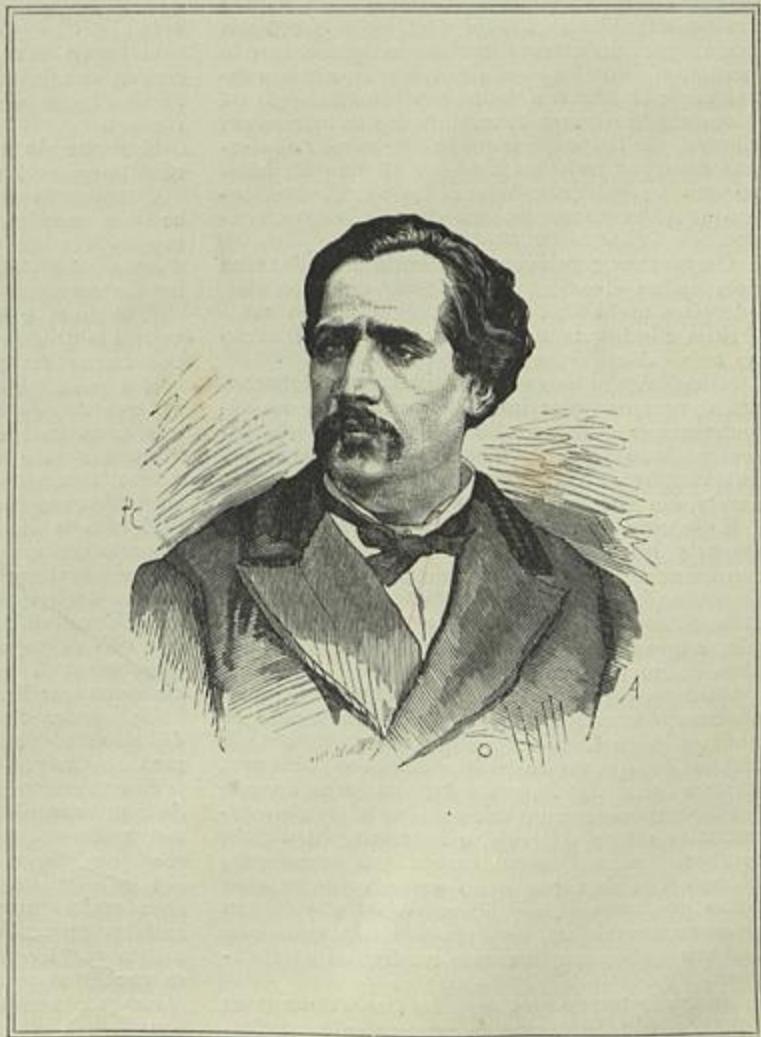
Lá fóra é muito usado este systema da imprensa jornalistica enviar representantes especiaes acompanhando nas suas viagens os altos personagens, afim de pôrem ao facto os seu leitores dos mais minuciosos incidentes d'essas viagens, que pela elevada cathegoria dos viajantes tem o condão de chamar sobre si a attenção publica.

E não é só nas pequenas digressões que os jornaes pôem em pratica esse systema de *reportage*, até nas grandes viagens em que elle custa sommas importantes.

Por exemplo, o Imperador do Brazil anda já ha dois mezes pela Europa, e naturalmente cá passa o inverno, procurando allivios á sua doença: pois Sua Magestade anda, desde que sahiu do Rio de Janeiro, acompanhado de correspondentes de jornaes do Brazil, que dia a dia informam os seus leitores de todos os passos que dá o Imperador, de todas as minuciosidades da sua viagem.

Entre nós este systema de *reportage* não estava ainda em uso; inaugurou-se agora na viagem d'El-Rei e com bons resultados, pois as noticias detalhadas d'essa viagem, enviadas dia a dia para os jornaes de Lisboa, são lidas com interesse e curiosidade.

E as correspondencias da viagem real, consti-

ANTONIO DE SERPA PIMENTEL

CHEFE DO PARTIDO REGENERADOR

AUGUSTO CESAR BARJONA DE FREITAS

CHEFE DE UM GRUPO DO PARTIDO REGENERADOR

tuem hoje nos jornaes de Lisboa e seu principal assumpto, já pelo interesse que despertam, já pela novidade que representam, já pela falta absoluta de noticias mais importantes.

Porque o noticiario lisboeta tem estado n'uma verdadeira calmaria: apenas de vez em quando a noticia d'uma facada, d'um assalto de gatunos, d'um descarrillamento de comboyos, ou d'um atropellamento dos Riperts ou dos Americanos, traz uma localsinha ás columnas, tão pobres de acontecimentos, dos jornaes de Lisboa.

Quando se deu o tragico e vergonhoso assassinio do hespanhol José Rodriguez, no Rocio, os jornaes emprehenderam uma vigorosa campanha contra a policia, e os jornaes affectos ao governo affirmaram solemnemente que essa policia, que tão mal feita era e tão deficiente se mostrava, ia ser reformada a valer.

Depois o cadaver do esfaqueado enterrou-se, e ninguem mais tornou a fallar em tal coisa, e a policia continua na mesma, e assim continuará se Deus quizer, até que um novo crime torne a chamar de novo a attenção sobre ella.

Então os jornaes reeditarão as suas justissimas e indignadas censuras contra o serviço policial, os amigos do governo — de qualquer governo, este ministerio ou outro, isso é inteiramente indifferente para o caso — reeditarão as mesmas solemnes promessas de reforma da policia, e tudo se callará, e tudo ficará na mesma, até que se pratique outro crime, que se façam as mesmas censuras, que se repitam as mesmas promessas, idem, idem, até á consumação dos seculos.

É o nosso feitio, e no fim de contas creio que é o feitio de toda a gente, porque em toda a parte acontece a mesma coisa, pouco mais ou menos.

Quando a discussão anda accesa a policia mostra um bocadinho de actividade. Nas noites immediatas á do assassinio do hespanhol, o Rocio esteve cheio de agentes de policia, como se se tratasse dos azares da Roleta, em que as duzias costumam ordinariamente repetir, e como se em Lisboa não houvesse outro sitio onde se pudesse esfaquear gente senão no Rocio.

É a eterna historia das trancas á porta depois da casa roubada.

Depois, passadas as primeiras noites, voltou tudo ao ram-rão habitual: os faias tornaram a apparecer á surdina, sem que ninguem os incommodasse já á procura de navalhas, e de vez em quando uma facadinha aqui, outra facadinha acolá, provam que os habitos indigenas se não perderam ainda, e que a navalha continua a fazer parte integrante da *toilette* dos *habitués* da Mouraria, do Bairro Alto, de todos os bairros em summa, de Lisboa, porque os faquistas estão espalhados por toda a cidade, e já não ha bairro que tenha d'elles o previlegio exclusivo, como aqui ha annos, tinham os dois bairros citados.

Os gatunos continuam tambem a fazer das suas pela mansa e os jornaes contaram ainda ha dias, que para as bandas de Campolide, quatro cavalheiros d'industria queriam renovar Fra Diavolo na baixa dos Terramotos.

Naturalmente esses cavalheiros eram debutantes, davam os primeiros passos incertos na espinhosa senda da arte de roubar, e por isso foram agarrados com a bocca na botija, graças á intervenção de varios populares do sitio, e tiveram a sua Calabria no Limoeiro.

É de crer porém, que uns mezesinhos de residencia no palacio do conde de Andeiro, de convivencia com alguns collegas mais experimentados, e de meditação sobre a sua desastrada inhabilidade, os torne mais destros na sua industria, e que d'aqui a annos deem uns salteadorsinhos muito rasoaveis.

Os desastres de caminho de ferro tem dado tambem o seu contingente menos mau para os noticiarios de Lisboa: em um mez apenas, nada menos de quatro casos de caminho de ferro, tres na linha de Torres e um na linha do Sul.

Felizmente nenhum d'esses casos teve consequencias muito terriveis, e apenas n'um d'elles, morreu, por sua imprudencia, um empregado do caminho de ferro, e no outro, quebrou uma perna um passageiro e ficaram quatro ou cinco ligeiramente feridos, mas por um triz, quasi que por um milagre, não foram medonhas catastrophes.

Ha muito tempo que, graças a Deus, nos nossos caminhos de ferro não acontece nenhuma desgraça: na nova linha de Torres, Caldas e Leiria, não se dera ainda incidente algum, e o publico cheio de confiança, e atacado da moderna febre de locomoção, exacerbada pela multiplicação de linhas ferreas, pela facilidade, commodidade e barateza das viagens, entregava-se com um enthusiasmo novo e ardente aos passeios ás Caldas, a Torres, a Leiria e á Batalha, a esses passeios que d'antes eram imcommodos e caros, e hoje são faceis e por tão modico preço.

Esses tres descarrilamentos na linha de Torres, apezar de não terem originado catastrophe alguma seria, tiraram comtudo parte da confiança que animava o publico, obrigaram-n'o a pensar um bocadinho antes de se metter n'um wagon, e fizeram-n'o reflectir que effectivamente não tinha graça nenhuma um sugeito tomando bilhete para ir para as Caldas da Rainha, tomar ao mesmo tempo correspondencia para o outro mundo, e pensando simplesmente em ir passar a Leiria cinco dias, ir passar não se sabe onde, toda a Eternidade.

É verdade que se toda a gente pensasse n'isso não ia a parte nenhuma, nem se deitava na cama, sequer, porque quem não tem fortuna na cama quebra as pernas, e essas reflexões philosophicas levadas ás suas ultimas conclusões obrigariam um sugeito a matar-se por ter medo de morrer.

Onde está o homem está o perigo, diz a sabedoria das Nações com rasão ás carradas, e não com menos bom senso dizem os hespanhoes, que *nadie se muere hasta que Dios lo quiere*, e por isso perde completamente o seu tempo e as suas reflexões, quem antes de subir para um comboyo principia a meditar nos perigos que o vão cercar.

Ha annos, na praia da Povoa de Varzim, um banhista vendo entrar para um saveiro que ia fazer-se ao largo, um pescador a quem dias antes o pae morrera n'um naufragio, perguntou-lhe muito admirado:

—Então você vae para o mar e não tem medo?

—Medo de que?

—Morreu-lhe lá seu pae! Credo! Se isso fosse comigo era o bastante para nunca mais pôr o pé n'um barco.

—Ora essa! Diga-me uma coisa, seu pae onde morreu?

—Onde morreu? Na cama.

—E o senhor não se deita todas as noites? perguntou-lhe o pescador triumphantemente.

É por isso, pela mesma rasão porque todos se deitam nas suas camas, é evidente que todos continuarão a andar em caminho de ferro, todos continuarão a fazer essa viagem — que é a mais perigosa que se conhece, e de que até hoje nunca ninguem escapou — e que se chama a vida!

O outro manancial de locaes para os noticiarios dos jornaes de Lisboa são os atropelamentos feitos pelos Ripperts, char-a-bancs e Americanos.

E apesar do que essa mina dá, ainda nos parece impossivel ella não dar muito mais.

Quem anda ahi por essas ruas de Lisboa benze-se a cada momento de não ficarem por dia mortas dez ou vinte pessoas debaixo das patas d'essas pilecas transparentes, que pucham os carros de carreira.

É incrivel, é assombroso, é perfeitamente selvagem o que quotidianamente se passa em Lisboa com esses carros.

E a policia não faz nada, não autúa os cocheiros que a todo o momento andam em correrias por essas ruas e travessas, não se importando atropellar toda a gente e fazer em estilhaços os carros, comtanto que passem adeante dos vehiculos das emprezas suas rivaes!

É raro o dia em que não se dá um atropellamento serio, e ainda assim é pouquissimo para o que podia ser, dada a impericia da maior parte d'esses cocheiros, que podem saber tudo menos guiar cavallos, dada a sua leviandade criminosa, que não se importa sacrificar os transeuntes e os passageiros á vaidade tola de passar adeante do carro que lhe vae na frente.

Os jornaes chamam todos os dias as attenções das auctoridades competentes para este assumpto, mas é o mesmo que se não chamassem.

E entretanto parece-nos que nada mais facil do que reprimir estes abusos: bastaria não consentir char-a-bancs e carros guiados por cocheiros que não tenham feito previamente exame em que mostrem a sua competencia, multar com multas importantes os donos e as emprezas dos carros cujos cocheiros sahirem do andamento regular, e castigar com toda a severidade os cocheiros que atropellarem alguem.

Emquanto isto não se fizer, os desafios selvagens entre ripperts, americanos e char-a-bancs de todas as emprezas continuarão desenfreados por essa cidade, e quem andar pelas ruas trará sempre o credo na bocca.

Gervasio Lobato.

A FAMILIA REAL NO NORTE DO REINO

I

A familia real portugueza percorre n'este momento alguns dos pontos mais importantes do norte do paiz, e n'esta digressão atravez de uma região encantadora pelo pittoresco da sua paizagem e feracissima pela exuberancia do seu solo, os monarchas e seus augustos filhos têem recebido os mais affectuosos testimunhos de sympathia e de respeito, demonstrações estas que são de ha muito proverbiaes nos povos que consagraram sempre um entranhado amor á dynastia que consolidou a nossa nacionalidade, apoz tristissimos annos de um longo captiveiro estranho.

A partida de Lisboa realisou-se no dia 26 de setembro ás 8 horas da manhã, fazendo parte da regia comitiva além dos srs. conselheiros Luciano de Castro, presidente do conselho e Emygdio Navarro, ministro das obras publicas, as sr.as condessas de Mossamedes e do Seisal, condes de Ficalho, Seisal e Tarouca, D. Francisco de Almeida, major Duval Telles e medico da casa real dr. Cunha Ravara.

O precurso da capital até ao Porto foi uma serie ininterrompida de ovações aos regios excursionistas, e especialmente nas estações onde o comboyo teve curtas paragens.

Assim na Povoa de Santa Iria, os operarios da fabrica da Companhia Promotora da Agricultura Portugueza, agitando as suas carapuças, erguiam calorosos vivas á familia real.

Em Santarem, além das auctoridades compareceu um grande concurso de povo que correspondeu com enthusiasmo aos vivas erguidos pelo presidente da camara, estrondeando ao mesmo tempo numerosos foguetes no alto da povoação.

Em Pombal, cujas casas se adornavam festivamente, a população pejava as ruas. Na estação, uma mulher do povo abrindo caminho atravez da massa compacta, arremessava um ramo de flores á rainha emquanto que o principesinho da Beira, encostado aos vidros da carruagem se tornava alvo das ternuras de algumas mulheres que o tinham lobrigado. A galante creança, ao principio surprehendida por aquellas demonstrações, patenteou depois o seu contentamento com meiguices e sorrisos que mais augmentaram o enthusiasmo da multidão.

Em Coimbra a affluencia era consideravel. Além das auctoridades, bispo conde e corpo docente da Universidade, muitas senhoras da primeira sociedade abrilhantavam aquella luzida recepção.

A sr.a condessa de Pomares depois de apresentar os seus respeitos á familia real, offereceu ao filhinho dos duques de Bragança um gracioso brinquedo, que lhe foi entregue por uma formosa menina, filha da illustre escriptora a sr.a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, viuva do saudoso poeta Gonçalves Crespo.

Tanto á chegada como á partida do comboyo, as saudações aos reaes viajantes foram intensas e clamorosas.

Em Aveiro igual concorrencia de auctoridades, de senhoras e de habitantes. Como a ama do principe da Beira é natural d'aquella localidade, desceu á gare onde foi logo rodeada pelo povo que cobria soffregamente de affagos a seductora creancinha. Esta, atemorisada, irrompeu em sentidos choros, sendo necessario leval-a para a carruagem.

A partida d'essa estação, el-rei mandou servir uma refeição aos representantes da imprensa de Lisboa e Porto que iam no comboio.

Em Ovar o principe da Beira tornou-se como sempre o objecto das geraes attenções. Ao erguerem-lhe um viva, sua augusta mãe pegou-lhe na mãosinha e agitou-a sorrindo em signal de agradecimento. O principe, então, como que comprehendendo a significação d'aquellas manifestações, correspondeu a ellas a seu modo, batendo repetidas vezes com as mãos nas vidraças da carruagem.

Nas praias de Espinho e Granja, os banhistas que concorreram em massa ás estações, fizeram um acolhimento extremamente sympathico á familia real. N'aquella ultima praia, uma filha do deputado o sr. Serpa Pinto brindou Sua Magestade a rainha com um formoso bouquet.

Finalmente depois de uma nova paragem nas Devezas, onde compareceram as authoridades locaes e muito povo, o comboio chegou ao Porto pouco depois das 5 horas da tarde.

Como acima referimos, em toda a viagem, os monarchas portuguezes e seus augustos filhos,

receberam as mais salientes provas de carinho e de consideração. Além da comparencia das authoridades, os povos corriam presurosos ao encontro de Suas Magestades e Altezas, e na expontaneidade do seu regosijo e na sinceridade das suas saudações, bem se manifestava o grau de intima ternura pelos illustres representantes da casa de Bragança.

Nas estações, os adornos de gala, os sons das phylarmonicas e o estrondear dos foguetes davam uma nota da mais expansiva festa ás recepções brilhantes que por toda a parte eram feitas aos reaes forasteiros.

No Porto, o acolhimento que tiveram não podia ser mais cordeal e affectuoso.

Na estação de Campanhã esperavam Suas Magestades, além de todas as authoridades civis, militares e ecclesiasticas, o sr. ministro da guerra que viera expressamente de Braga, os ministros de estado honorarios os srs. Barjona de Freitas e Lopo Vaz, corpo consular, deputados, titulares, representantes do commercio e da industria e muitas pessoas das diversas cathegorias sociaes.

No largo da estação e na rua Pinto Bessa, formavam os corpos da brigada, sob o commando do general o sr. Cyrillo Machado.

Á chegada do comboyo, o sr. presidente da camara ergueu os vivas do estylo, que foram geralmente correspondidos e depois dos cumprimentos feitos a Suas Magestades e Altezas organisou-se o cortejo, que era aberto por um forte piquete de cavalleira, seguindo-se a camara municipal.

Apoz vinham duas carruagens da casa real com as pessoas da comitiva, uma outra com o infante D. Affonso tendo á esquerda o sr. presidente do conselho, sentando-se no logar fronteiro o sr. ministro das obras publicas.

Seguia-se a carruagem real em que tomavam logar a rainha e a princeza D. Amelia com toilettes azues e brancos, e el-rei e o principe D. Carlos, aquelle com a farda de generalissimo e este com a da sua patente militar.

Atraz vinham o general de divisão e estado maior e grande numero de officiaes montados de diversas armas.

Succediam-se depois os esquadrões de cavalleria 6 e 10 e uma longa filla de carruagens, cerca de 160, em que tomavam logar as pessoas que tinham ido esperar os soberanos e os principes.

O principe da Beira, acompanhado das condessas de Mossamedes e de Seisal não se encorporára no prestito, seguindo para o Paço alguns minutos antes.

Logo á sahida dos monarchas, o povo, que se agglomerava no largo da estação, victoriou-os freneticamente, demonstrações que depois se repetiram em outros pontos do transito.

Nas ruas estacionava uma multidão enorme, e as janellas, povoadas de senhoras, apresentavam um aspecto soberbo.

As ornamentações d'essas ruas, que constavam de profusos embandeiramentos e de plinthos com vasos de plantas e tropheus, completavam-se com a vivacidade das côres das colchas de damasco que pendiam das varandas.

A perspectiva das ruas de Santo Antonio, Clerigos e praça de D. Pedro á passagem do cortejo era surprehendente.

Em algumas ruas tocavam bandas marciaes e de diversas janellas cahiam por vezes nuvens de flores sobre a carruagem real.

Suas Magestades e Altezas correspondiam com signaes de affecto ás saudações do publico, cujas attenções incidiam principalmente para a princeza D. Amelia pela natural curiosidade que inspirava a sua presença em uma cidade que pela primeira vez visitava.

A gentileza da nobre esposa do principe real e o agrado da sua phisionomia prasenteira e insinuante, desde logo captivaram a população.

Á noite realisaram-se as illuminações, que eram sobre tudo brilhantissimas nas ruas dos Clerigos e Santo Antonio e na praça de D. Pedro.

Em todo esse espaço havia arcos illuminados a gaz, sendo os candieiros da illuminação publica substituidos por serpentinas tambem a gaz.

A vista que se gosava de qualquer dos extremos d'essas ruas era encantadora, porque os arcos formavam no seu conjuncto um como docel de fogo.

Por igual vistosa era a illuminação a gaz da fachada do edificio dos Paços do Concelho, bem como a de outros estabelecimentos publicos e particulares.

A concorrencia de povo a gosar estas distracções, que se prolongaram por tres noutes mais, foi extraordinaria, e apesar d'essa immensa agglomeração, a alegria de taes festejos não foi empanada por acontecimento algum que diminuisse a sua intensidade.

Porto, setembro.

R.

AS NOSSAS GRAVURAS

ANTONIO DE SERPA E BARJONA DE FREITAS

Não pretendemos entrar aqui na apreciação do partido regenerador, nem de outro qualquer, porque a indole d'este periodico, inteiramente isento de questões politicas, não permitte essas apreciações.

Registramos apenas os factos como nos cumpre, pela missão que nos impozemos de irmos archivando n'estas paginas a historia contemporanea, quer com a penna, quer com o buril.

Seria mesmo difficil, ainda que nos não fôsse vedado, o entrar n'essas apreciações, porque, infelizmente, a politica portugueza tem ido pouco a pouco perdendo os seus ideaes, a ponto de não se saber ao certo quaes são os principios ou qual é a divisa d'este ou d'aquelle partido.

A politica n'estes casos é toda pessoal, de individuos e não de idéas, e se podesse restar duvida sobre isto, ahi tinhamos precisamente a morte de Fontes Pereira de Mello para demonstrar e evidenciar que o partido regenerador antes se deveria denominar o partido Fontes.

A morte de Passos Manuel, de Rodrigo da Fonseca Magalhães, de Joaquim Antonio d'Aguiar, etc., não fez dividir as fileiras do partido a que pertenciam. Os correligionarios d'esse partido uniram as suas columnas e proseguiram sob a mesma bandeira cujo lemma não era nenhum d'aquelles nomes, mas as idéas do seu partido.

Hoje as cousas tem mudado e cada partido tem o seu chefe. Não se pódem definir as idéas d'este ou d'aquelle partido, pela simples razão de as não terem O partido é o chefe, n'elle reside a vontade dos partidarios que lhe obedecem por mil razões á frente das quaes ha sempre uma indeclinavel, que é a do interesse pessoal.

Quando morre o chefe, a primeira preoccupação do partido é escolher quem o ha de substituir, porque sem direcção não se poderão sustentar convenientemente na imprensa ou no parlamento as questões politicas, e não se poderão sustentar porque essas questões não são, em geral, de principios que presidam a este partido ou sejam contrarias áquelle. Antes dos principios estão as conveniencias, e por isso é preciso que haja quem tome a responsabilidade da maneira como se deve atacar ou defender. E eis porque ha chefes de partido em vez de haverem partidos, e eis porque os partidos de dividem quando não accordam na escolha do seu chefe. Foi o que aconteceu ultimamente com o partido regenerador.

Desde que morreu Fontes Pereira de Mello, o estadista que pelo seu talento tinha dominado o partido regenerador, que logo se levantaram divergencias dentro do proprio partido, sob quem deveria ser o seu chefe, e essas divergencias não se poderam conciliar, dando em resultado a formação de dois grupos, á frente dos quaes se collocaram duas sumidades do partido regenerador, o sr. Antonio de Serpa Pimentel e o sr. Augusto Cesar Barjona de Freitas.

Estes dois nomes são demasiadamente conhecidos no paiz e na politica, para que seja preciso fazer-lhes aqui a apresentação.

Qualquer dos dois politicos são dois estadistas experimentados que melitam na politica portugueza ha mais de vinte annos.

O sr. Antonio de Serpa Pimentel foi pela primeira vez ministro em 1859, e o sr. Barjona de Freitas, eleito deputado por Coimbra, em 1864, entrou para os conselhos da corôa em 1865 como ministro da justiça, pelo que bem se póde avaliar da sua importancia parlamentar.

O grupo de que é chefe o sr. Serpa é o que diz seguir as tradicções do partido regenerador. Este grupo é o maior. O outro de que é chefe o sr. Barjona tambem segue as mesmas tradicções, mas mais avançado, segundo o que por emquanto consta. Este grupo é menos numeroso.

O que a politica portugueza terá a lucrar com esta divisão do partido regenerador, não é facil prever. O tempo se encarregará de o demonstrar.

NAS PRAIAS—ESPINHO

Quem ha ahi no nosso mundo elegante que não conheça Espinho com a sua alva praia e os seus formosos *chalets?* Quem não tenha alli respirado o ar balsamico dos pinheiros e afogado o seu nervosismo entre as espumantes ondas do Oceano, que ora se esperguiçam indolentemente por sobre a branca areia da praia, ora se elevam arrogantes ameaçando os alegres *chalets.*

E entretanto ainda ha poucos annos a praia de Espinho era apenas frequentada por algumas familias do norte, que principiaram a edificar habitações para a sua estada alli. Foi assim que Espinho, uma pobre povoação de pequenas barracas de madeira mal dispostas, a que chamavam palheiros, habitadas por pobres pescadores, se foi transformando pouco a pouco na formosa povoação que hoje se vê, e cuja regularidade das suas ligeiras edificações bem arruamentadas, fazem inveja aos bairros de muitas cidades.

Foi, em 1843, que José de Sá Conto, rico fabricante de papel, da freguezia de Oleiros, fez alli uma bella casa de pedra e cal, de um andar. A esta construcção foram seguindo-se outras de proprietarios da Feira, que com suas familias principiaram a frequentar a praia do Espinho, na temporada dos banhos do mar.

As construcções, que primeiro se faziam irregularmente, a capricho dos seus donos, submetteram-se depois aos alinhamentos que a camara municipal da Feira mandou traçar, formando ruas regulares.

D'este modo surgiu d'entre um montão de barracas indigentes e tristes uma florescente povoação alegre, de grande animação na epoca balnear.

Os hoteis disputam entre si primasias na maneira de melhor servirem os seus hospedes, os cafés, os bilhares, os *restaurants* procuram emitar as cidades mais civilisadas das provincias.

Depois o Club é o grande centro de reunião dos banhistas, e lá se sabem as grandes novidades da politica, lá se lêem os jornaes, lá se entretem as palestras, lá se improvisam os concertos e outros divertimentos, onde não faltam os jogos, para passar o tempo, e n'aquellas reuniões onde se encontram familias de quasi todas as principaes terras do paiz, adquirem-se conhecimentos e estabelecem-se relações, que constituem uma enorme familia que tódos os annos alli se reune e convive na mais estimavel intimidade.

Espinho é hoje perfeitamente uma villa moderna, que para tudo ter, até a locomotiva espalha por sobre ella as suas abundantes nuvens de fumo negro, que a envolve de vez em quando juntamente com os sylvos agudos da machina do comboyo que se aproxima ou vae partir da sua estação.

Uma modesta capella ergue-se d'entre o povoado, e todos os annos veste as suas melhores galas para receber a grande romaria que das terras proximas e até do Porto, Aveiro, Ovar e Feira vem festejar a Senhora da Saude.

A população indigena não excede a mil almas, mas na epoca dos banhos é esta população consideravelmente augmentada, como facilmente se deprehende, pelos banhistas que a elevam a mais de tres mil habitantes.

A estação de banhos em Espinho é das que mais se prolongam, pois dura desde julho até novembro.

É facil avaliar a importacia que esta estação tem para o commercio de Espinho e para os seus habitantes, que grande parte se empregam ao serviço dos banhistas.

Outra parte da população explora a industria da pesca, que é sobre tudo abundante de sardinha de optima qualidade.

Os seus costumes não offerecem nada de particular comparados com o de outras povoações costeiras, e a gravura que publicamos, cópia de uma photographia dos srs. Biel e C.ª, do Porto, recommenda-se mais como um quadro da natureza, colhido em flagrante pela objectiva da machina photographica, do que pela singularidade dos trajes das figuras n'elle representadas.

Aquellas mulheres andam na sua lide quotidiana, conduzindo agua da fonte nas suas bilhas ou potes. É isto o que mais resalta do quadro; outras vão seu caminho levar a refeição ao pae ou ao marido que está trabalhando longe.

Espinho pertence á provincia do Douro, freguezia de Anta, distante 24 kilometros a Sul do Porto, 10 kilometros a Oeste da Villa da Feira, e 285 kilometros ao Norte de Lisboa.

EM ESPINHO — COSTUMES (Segundo uma photographia de Biel & C.ª)

GOUVEIA

A villa de Gouveia, situada nas faldas da serra da Estrella a 80 kilometros de Coimbra, 30 da Guarda e 280 ao E. de Lisboa, é cabeça de concelho e de comarca, com 600 fogos e cerca de 2:500 habitantes, divididos em duas freguezias denominadas de S. Pedro e de S. Julião.

É das mais pittorescas povoações da Beira Baixa, cortada pela ribeira de Gouveia, mas de um clima rigoroso no inverno.

A fertilidade dos seus campos, que constituem a sua riqueza agricola, é ainda augmentada pela sua industria de lanificios que alimenta cerca de vinte fabricas de tecidos com aproximadamente duzentos teares, cuja producção principal são saragoças ou briches e baetas, com que se vestem a maior parte dos povos da provincia.

A fundação d'esta villa perde-se na antiguidade, querendo alguns investigadores que ella foi povoada pelos turdulos 580 annos antes da era christã.

Em 1038 achava-se na posse de D. Fernando Magno de Castella e Leão, que a conquistára aos mouros, e D. Sancho I de Portugal a reedificou e povoou, em 1186, dando-lhe, com o foral, grandes privilegios.

D. Affonso II confirmou-lhe esse foral, em novembro de 1217, e el-rei D. Manuel deu-lhe foral novo, em Santarem, a 1 de julho de 1510.

A comarca de Gouveia tem tres julgados: Gouveia, Cêa e Manteigas, comprehendendo 11:700 fogos aproximadamente.

As freguezias do seu concelho, em numero de vinte e tres, dividem-se entre os bispados de Coimbra e da Guarda, pertencendo dez ao primeiro, e treze ao segundo.

Foi marquezado que pertencia aos primogenitos dos duques de Aveiro, dos quaes o ultimo marquez, feito em 1749, foi o duque de Aveiro D. José Mascarenhas, implicado no celebre processo do attentado contra a vida de D. José I. Este marquezado foi extincto em 1759.

O distincto poeta José Freire de Serpa Pimentel, foi visconde de Gouveia.

Foram tambem senhores de Gouveia os marquezes de Borba e condes de Redondo.

No tempo do dominio castelhano em Portugal, de triste memoria, D. Filippe IV fez marquez de Gouveia a D. Maurique da Silva, conde de Portalegre, em 20 de janeiro de 1625. D'aqui lhe provém o vêr-se nas armas de Gouveia um leão de purpura *armado* de azul, e por timbre outro leão como o do escudo, que são as armas dos Silvas.

YACHT DE RECREIO «AURA»

Publicamos hoje em gravura, executada sobre um desenho do sr. José Pardal, distincto collaborador artistico do OCCIDENTE, o Yacht *Aura*, pertencente a sua alteza o infante D. Affonso.

É mais um elegante barco de recreio que archivamos n'estas paginas, que tanto se illustram com os grandes monumentos e com as brilhantes paizagens, como com as manifestações do progresso e da vida moderna, onde palpitam o espirito e o gosto da sociedade de hoje.

As regatas tem um grande numero de dedicados, e entre estes contam-se muitos que possuem barcos de recreio aptos a entrarem n'aquelles concursos, que são mais alguma coisa que divertimento: são um estimulo para o aperfeiçoamento das construcções navaes, um exercicio phisico que tanto dispõe para a vida do mar como para a vida de terra.

Á frente d'estas regatas, encontra-se a familia real portugueza com os seus magnificos barcos de recreio, de que já temos publicado os desenhos, e em o numero d'estes barcos conta-se o yacht *Aura*, de 42 toneladas, que arma em yawl, e que é um bello barco de andamento, em que o sr. infante D. Affonso dá repetidos passeios no Tejo e fóra da barra, levando içada a bandeira branca com a cruz vermelha de Christo, distinctivo de sua alteza.

O sr. infante tem ainda uma canoa, *Gavina*, de 5 toneladas, e que é um dos melhores barcos, n'este genero, que navega no Tejo.

O sr. infante D. Affonso tem grande predilecção pelas cousas do mar e sente-se bem quando, nos seus pequenos barcos, faz as suas digressões fluviaes.

FONTES PEREIRA DE MELLO

XIX

A situação em que entrava no poder no dia 13 de septembro de 1871 o ministerio presidido por Fontes Pereira de Mello era verdadeiramente difficil e tormentosa. O ministerio Avila apresentára-se perante o parlamento com uma maioria numerosa, mas perfeitamente heterogenea, porque se compunha, quasi na sua totalidade, de membros do partido regenerador e de membros do partido progressista historico. A opposição constava apenas de nove deputados do partido reformista e de cinco do partido constituinte. Parecia, por conseguinte, que teria larga vida este ministerio.

O partido progressista historico, porém, que se mostrava perfeitamente dedicado ao marquez de Avila antes das eleições, começou, logo que entrou no parlamento, a manifestar-lhe uma frieza glacial. Comtudo entre os seus membros e os membros do partido reformista travaram-se algumas escaramuças que mostraram não terem ainda os dois partidos esquecido os aggravos de 1870, quando em resposta a algumas palavras vehementes do sr. José Luciano de Castro, ministro da justiça, varios deputados reformistas, entre elles os srs. Marianno de Carvalho e Francisco de Albuquerque abandonaram violentamente a sala, declarando que não voltariam a occupar as suas cadeiras no parlamento. Com-

UMA VISTA DE GOUVEIA (Segundo uma photographia de Rocha)

tudo na resposta ao discurso da corôa acharam-se a combater ao lado um do outro, porque o partido progressista historico, abandonando em massa as fileiras governamentaes juntou-se aos inimigos para fazer fogo contra os seus anteriores alliados.

Não é este o logar de fazer critica politica, mas em todo o caso, para mostrarmos que o principal segredo da estrategia politica de Fontes Pereira de Mello consistia na perfeita correcção do seu procedimento, não podemos deixar de pôr em confronto a attitude que elle assumiu com a attitude que tomou o partido historico.

Historicos e regeneradores tinham antes das eleições requestado as boas graças do marquez de Avila. Foi no periodo eleitoral que o marquez de Avila prohibiu as conferencias democraticas do Casino, e esse acto violentamente atacado pelos periodicos reformistas, foi defendido pelos historicos e pelos regeneradores, com mais ou menos calor.

O marquez de Avila correspondeu lealmente ao apoio que recebia, auxiliando imparcialmente, com a influencia que naturalmente lhe resultava da sua situação, as candidaturas dos dois partidos.

Comtudo, assim que o partido historico obteve os deputados que desejava, começou a mostrar um certo retrahimento. Na primeira reunião da maioria no ministerio do reino, achava-se o marquez de Avila rodeado dos seus amigos particulares e dos deputados regeneradores sem que tivesse apparecido ainda um só deputado historico. Já se commentava esta ausencia, quando de subito se abriu a porta e entraram os deputados historicos em corpo. Vinham como que affirmar a sua individualidade destacada. N'essa reunião, porém, nem uma palavra se proferiu que podesse significar um rompimento qualquer com o governo.

Tanto assim foi que, tratando-se da eleição do presidente da camara, e tendo sido consultado o marquez de Avila, como era natural, para se saber qual o nome que mais agradavel lhe seria, o nome que elle indigitou foi o do sr. D. Antonio Ayres de Gouveia, hoje bispo de Bethsaida, e um dos membros mais distinctos do partido historico. A união, como se vê, era ainda, pois, intima e completa.

Na discussão, porém, de resposta ao discurso da crôa, como dissemos, pronunciou-se a defecção, e o thema escolhido para o combate foi exactamente o das conferencias do Casino. Fontes Pereira de Mello conservou-se com o seu partido ao lado do marquez de Avila.

A votação deu ao governo apenas uma maioria de cinco votos. Era-lhe pois impossivel governar, principalmente com ministros uns fatigados, outros pouco parlamentares.

Terminada a crise, parece que o marquez de Avila foi o primeiro a suggerir a idéa de chamar Fontes Pereira de Mello. Como assegurava que o apoiaria com os seus amigos pessoaes, a pequena maioria de cinco votos mantinha-se firme, mas era ainda accrescentada com os cinco membros do partido constituinte, porque o sr. Dias Ferreira declarou que, se os regeneradores fossem ao poder, lhes daria o seu apoio.

Mostrava este resultado que em politica ás vezes, da mesma forma que sempre em geometria, a linha recta é o caminho mais curto entre dois pontos.

Os historicos accusaram de inconstitucional a solução de crise. Não o era. Sel-o-hia, se o ministerio tivesse tido uma votação contraria; mas a votação significava apenas que o ministerio teria em camaras uma vida difficil. A situação, portanto, não mudava, mas o gabinete fatigado retirava-se e era substituido por outro gabinete fresco e vigoroso, prompto para a lucta, e contando desde logo com auxiliares novos.

Assim o entenderam os proprios reformistas, que, apesar de folgarem por ver a opposição tão avultada, disseram nos seus jornaes que não desgostavam de que se houvessem mallogrado as *machinações insidiosas* com que os historicos tinham procurado alcançar o poder. A phrase ficou celebre, e foi muitas vezes citada. Apparecêra no *Diario Popular* e suppomos que o artigo em que figurava era devido á penna de Thomaz Bastos, espirito independente e caracter leal, que muitas vezes se revoltou, durante a sua curta existencia, contra estas habilidades que a politica procura absolver e cobrir, mas que se não coadunam facilmente com a rectidão de principios das almas verdadeiramente nobres.

A exposição d'estes factos mostra, porém, como tinha de ser forçosamente tormentosa a vida parlamentar do ministerio regenerador. Achava-se em frente de uma opposição numerosissima, e tinha de a combater com poucos soldados verdadeiramente seus, e com tropas auxiliares que não faltavam nas batalhas das votações, mas que se não arremessavam ás refregas.

O ministerio compunha-se de homens experimentados pela maior parte, e na sua totalidade de talentos provadissimos. Fontes reservâva para si as pastas da guerra e da fazenda, sendo esta depois confiada ao sr. Antonio de Serpa, quando este, passados mezes, cedeu emfim ás sollicitações do presidente do conselho; o sr. Barjona recebia a pasta da justiça, que illustrára em 1865-1867 com valiosissimas reformas; Antonio Rodrigues Sampaio tinha a pasta do reino, a da marinha sobraçára-a o sr. Jayme Moniz, um dos mais brilhantes oradores do nosso paiz e do nosso tempo, a dos negocios estrangeiros ia ser gerida pelo sr. Corvo, a das obras publicas acceitára-a quasi forçado o sr. Antonio Cardoso Avelino, que se revelou homem de saber, de tino e de prudencia.

Mas a situação era difficil, não só por haver uma opposição numerosa, mas porque as circumstancias financeiras eram verdadeiramente terriveis. Os ministerios, que tinham governado o paiz n'esses ultimos quatro annos, não tinham feito senão agraval-as. A revolta militar de 1870 pozera em ebullição velhos fermentos insurreccionaes, que continuavam a agitar-se, perturbando o andamento regular das coisas publicas. E era n'este momento que a lucta politica ia tomar proporções violentas. O discurso proferido por Fontes Pereira de Mello, ao apresentar-se á camara dos deputados, é um modelo de leal franqueza, de habilidade, e de nobre isenção.

«Eu não renego, disse elle, nem ninguem póde renegar as suas tradições. É preciso não ser homem de bem para o fazer. Não renego essas tradições nem como homem publico, nem como politico. Mas não venho levantar a bandeira de um partido; venho aqui dizer cathegoricamente ao paiz que nós, firmes nas nossas convicções, mas sem esquecermos nem pormos de parte as lições da historia, o que para ninguem é vergonha, estamos dispostos a occupar-nos das coisas publicas, como nos aconselha a gravidade dos negocios e a necessidade das circumstancias.»

Discutiu-se muito a phrase das *lições de historia*. Era uma phrase nobilissima e justa. Depois das agitações porque tinha passado o paiz, e na crise financeira que atravessava, era evidente que não podia o ministerio pensar nas medidas radicaes, que, tomadas a tempo, teriam sido altamente salutares, mas que no momento em que o paiz ulcerado precisava de emollientes, não poderiam senão aggravar o mal.

(Continua.) *Pinheiro Chagas.*

EGREJA DA ENCARNAÇÃO

(Conclusão)

Em 10 de abril de 1756 foi novamente removida a parochia para uma capella do claustro de S. Roque, então casa professa dos jesuitas, onde se demorou até 1768; e sendo, pela extincção d'aquella ordem religiosa, o edificio de S. Roque dado para a Misericordia, passou a parochia da Encarnação para a ermida dos Clerigos pobres, situada defronte da alameda de S Pedro d'Alcantara, e que foi demolida ha talvez trinta annos.

A imagem de Nossa Senhora, conforme dissémos, foi salva pelo padre mestre de ceremonias e pelo marquez de Marialva, que a levaram para o palacio do illustre fidalgo, d'onde passou mais tarde para a ermida do palacio do marquez de Angeja, á Junqueira.

A irmandade do Santissimo pensava na edificação d'um novo templo; e com os recursos de que podia dispôr, concedida a competente licença da Santa Sé, tentou o começo das obras.

Foram então comprados dois terrenos na rua da Cordoaria Nova (hoje rua do Thesouro Velho), para augmentar a nova egreja.

O risco foi encommendado a Manuel Caetano de Sousa, architecto das obras publicas. Em sessão de 15 de junho de 1768, foi approvado o novo risco, menos as torres que deviam ser collocadas sobre a fachada do templo, por ser obra muito dispendiosa.

A irmandade deu começo á edificação do novo templo no anno de 1769.

Vendo-se depois, que se tornava necessario mais um pedaço de terreno para se fazer uma capella do Santissimo mais ampla, a irmandade requereu á rainha D. Maria I, que lhe fosse concedido, e a religiosa rainha lh'o mandou dar, por decreto de 7 de abril de 1780.

A antiga egreja possuia todo o terreno, onde vemos o elegante e sumptuoso palacio do sr. Mendes Monteiro, mas a catastrophe do terremoto obrigou a irmandade a vender aquelle terreno, o qual foi comprado pelo grande capitalista Ignacio Pedro Quintella, illustre ascendente da familia Farrobo, para ali construir um palacio para a sua habitação e dos seus descendentes, deixando este de pertencer áquella distincta familia pela morte do segundo barão de Quintella e primeiro conde de Farrobo, Joaquim Pedro Quintella, realisada em 24 de setembro de 1869.

As obras caminharam vagarosamente até 1784; durante o periodo de quinze annos concluiu-se a frontaria até á cimalha, a capella-mór, a capella do Santissimo, a sachristia, e a casa do despacho da irmandade do Santissimo.

N'este anno, apezar do templo ainda não estar acabado, fez-se a trasladação da parochia para a nova egreja, no dia 21 de março, com a maior pompa e solemnidade.

A procissão constava de muitas irmandades das egrejas visinhas, e ordens religiosas.

O sacramento era conduzido pelo arcebispo de Lacedemonia.

A rua de S. Roque via-se toda embandeirada e coberta de areia e espadanas. Um regimento servia de guarda de honra, formando alas desde a ermida dos Clerigos pobres até á egreja nova, desfilando depois atraz do palio.

Junto da ermida dos Clerigos e da egreja da Encarnação improvisaram-se uns fortes com peças d'artilheria, que deram salvas, tanto á saída como á entrada da procissão.

Os navios surtos no Tejo tambem salvaram, quando terminou o *Te Deum*, que se cantou na egreja nova. Os presos do Limoeiro, Castello e Belem tiveram abundante jantar, houve muitas mais esmolas dadas pela irmandade; e á noite luminarias em todas as ruas da freguezia, e fogueiras na rua de S. Roque.

No dia 15 de março havia sido benzida a egreja pelo arcebispo de Lacedemonia; nos dias 22 e 23 continuaram as festas em acção de graças, e no dia 25, em que se solemnisa o orago, a rainha D. Maria I, acompanhada de toda a côrte, assistiu de tarde ao *Te Deum*.

Terminadas estas festividades, proseguiram as obras, mas com a maior morosidade.

No dia 18 de junho de 1802, aconteceu um novo desastre á egreja da Encarnação.

Festejava-se a solemnidade do Corpo de Deus, e o altar-mór estava brilhantemente illuminado; pelas 9 horas da noite pegou fogo nas sanefas da armação da capella-mór, o que causou enormes estragos; queimando-se as alcatifas, as armações, e um frontal rico que servia pela primeira vez.

Os marmores do retabulo do altar-mór soffreram bastante, e a imagem de Nossa Senhora tambem ficou muito deteriorada, sendo completamente destruida a maquineta que a encerrava.

A irmandade resolveu então fazer uma nova imagem, e incumbiu d'esse trabalho o distincto artista Joaquim Machado de Castro.

Esta nova imagem, que é toda de cedro, foi benzida em 1803, e exposta á adoração dos fieis no dia da festa do orago, 25 de março d'esse mesmo anno.

A antiga imagem restaurou-se em 1812, e foi collocada no altar da sacristia, como já dissémos, e onde ainda hoje se venera.

Na casa do despacho da irmandade do Santissimo existe um retrato da condessa de Pontevel, no fundo do qual se vê a fachada do primitivo templo.

O Visconde de Castilho (Julio) diz a paginas 190 do 1.º volume da *Lisboa antiga*, que viu bem de perto a imagem da Senhora da Encarnação, em 1872, quando por occasião das ultimas obras que se fizeram na egreja, ella esteve a retocar n'um santeiro da rua do Oiro.

Diz elle:

«Posso affirmar que me pareceu uma linda imagem.

«Notei o harmonioso (um pouco vulgar talvez), dos panejamentos: o modelado das mãos comprimidas sobre o peito; o sentido e leve dos pés nús, que, segundo as regras da arte, não são escondidos: a magestade maternal e virginea ao mesmo tempo; o immaculado esplendor d'aquella fronte, illuminada de um sorriso feminino e divinal; a castidade da sua posição concentrada e extatica. É uma mulher em todo o viço da fórma, e parece que não pésa sobre o pequenino pedestal onde assenta».

No anno de 1818 começou a irmandade a pensar seriamente na conclusão das obras.

Houve então successivas sessões, em que se discutia sobre a fórma de alcançar a importante verba, em que estava orçada a despeza para se poder levar a effeito o piedoso intento de acabar a egreja.

A irmandade, por fim, decidiu contrahir um emprestimo.

Como habitavam na freguezia muitos homens poderosos e grandes capitalistas, depressa se arranjaram capitaes, e no dia 27 de maio de 1820 começou a receber-se os donativos e emprestimos, que subiram á somma avultada de mais de trinta contos de réis.

Em 1822 fez-se tambem uma rifa de diversas fazendas e objectos de prata, custando cada bilhete 240 réis. Os objectos de prata e as fazendas foram em parte offerecidas por devotos, e o resto comprado pela irmandade. Tambem se realisou um peditorio por todos os parochianos.

Tres annos mais tarde, em 27 de novembro de 1825, foram approvadas as contas apresentadas pela commissão encarregada das obras, e no dia 16 de maio de 1826 tornou a egreja a ser franqueada ao culto, fazendo-se festas grandiosas.

N'este anno estreiou-se o orgão, trabalho do artista Antonio Machado Xavier Cerveira; em 1831 foi feita a teia da egreja, que é toda de marmore, e muito bem trabalhada; em 1845 collocou-se o cancêllo da capella do Santissimo, obra que fôra confiada ao serralheiro Marçal José Romão, e cuja despeza foi paga por meio d'uma subscripção.

A pintura do tecto da egreja custou aproximadamente tres contos de réis, mas tanto esta pintura como as dos quadros dos altares, têem pouco merecimento, e são trabalhos de artistas mediocres e de nomes desconhecidos.

Toda a mais obra, nos marmores da egreja, e com especialidade nos da capella-mór e da do Santissimo, é feita com admiravel perfeição, bom gosto e elegancia.

O primeiro conde de Farrobo por mais de uma vez propoz á irmandade o acabamento da fachada da egreja, a expensas suas, com a condição, porém, de lhe ser concedida uma communicação para o palacio que está contiguo á egreja; mas não poude nunca conseguir a realisação do seu desejo, em consequencia da clausula que existe na escriptura feita pela condessa de Pontevel com a irmandade do Santissimo, em 24 de Janeiro de 1712, a qual se refere a outra escriptura que tem a data de 12 de agosto de 1700, e em que a irmandade se obriga a não conceder em tempo algum qualquer tribuna particular na egreja, ou communicação para predios da visinhança, sob pena de pagar a multa de trinta mil cruzados ao hospital de S. José. Pela mesma escriptura tambem a irmandade não podia conceder sepultura particular na egreja, fosse a quem fosse. Só a condessa de Pontevel, como fundadora, é que teve, por excepção tribuna particular e jazigo para si e seu marido.

Quando se terminaram as ultimas obras, em 1873, em que a irmandade conseguiu finalmente concluir a fachada do templo, e realisar muitos mais melhoramentos importantissimos, tambem se fizeram pomposas e brilhantes festas.

A egreja da Encarnação dispõe hoje d'um rendimento avultado; faz bastantes solemnidades, sobresaindo sempre a do orago, em 25 de março, e as da semana Santa, que costumam ser esplendidas.

Tem certas honras cardinalicias, por ter sido sepultado no carneiro da egreja, em 15 de março de 1815, o cadaver de D. Antonio Xavier Henriques de Miranda, primario da Sé Patriarchal, que fôra patriarcha eleito de Lisboa, mas que falleceu antes da eleição ser confirmada pela Santa Sé.

Este facto está commemorado por uma lapide collocada n'um dos corredores da sachristia, junto á porta por onde se desce para o carneiro.

A irmandade tambem hoje conserva o titulo de *Real irmandade do santissimo*, pela honra concedida pelo principe D. Carlos, de ser juiz honorario; honra que a irmandade solicitou de sua alteza, no dia 19 de abril de 1885, quando o principe D. Carlos foi á egreja da Encarnação assistir á festa de caridade da *Associação protectora das creanças*, de que é presidente; distribuindo-se depois da missa do meio dia, na casa do despacho da irmandade, fatos a noventa creanças, e um bodo, que dois generosos bemfeitores offereceram.

N'esta festa de caridade tão sympathica, discursaram o monsenhor Pinto de Campos e o actual prior da Encarnação, dr. Garcia Diniz.

Guilherme Rodrigues.

O MOINHO

Dos moinhos que branquejavam no terreno areento onde o rio corre em arabescos, emoldurando miniaturas deliciosas de ilhas, peninsulas, continentes,—o mais vistoso, n'aquelle tempo, era sem duvida o do Bandaia.

Quando o sol, descendo, entornava sobre elle, generosamente, uma finissima pulverisação de oiro tenue, esplendiam tons festivos, n'um deslumbramento de tintas ridentes, a parede, em cone truncado, cuja brancura sem mancha denunciava intermináveis prodigalidades de cal;—o *santo*, desenhado em quatro azulejos, por cima da porta;—a fita estreita de vermelhão, que, perto da terra, cingia faustosamente o moinho;—as velas, triangulares, côr de velha purpura com esfregaços d'ocre.

Verdadeiramente, o moinho era como que uma symphonia brilhante que tivesse por phrase caracteristica a figura risonha do velho moleiro, muito alegre no seu fato azul-desvanecido com remendos de côr mais viva.

A Margaridinha, a filha unica do Bandaia, namorava o Antonio almocreve.

De uma vez,—ainda a manhã vinha em casa de Deus Padre,—a rapariga accordou ao tintinnabular d'uma guisalhada festival.

—«Deve ser o Antonio.»—Pensou.

E promettendo a si propria não se demorar nada, para não achar o pae levantado quando voltasse, vestiu-se á pressa, abriu a porta de mansinho, e correu ao encontro do almocreve.

Molhadas de orvalho, a mancha verde de quintas e vinhedos que se alastrava pela planice, e ao longe, a casaria irregular da villa que se apertava n'um valle estreito, tinham frescuras mimosas, de pintura feita de pouco. Não muito longe do moinho, pelo carreiro tortuoso e amarellento, que vinha da villa para a estação do caminho de ferro, seguia o Antonio almocreve, assobiando em alegre esfusiada, e pouco adiante, cinco ou seis machos caminhavam graves, cadenciadamente.

A Margaridinha correu para o namorado, córada de não saber disfarçar a sua alegria; mas como na tinta alvacenta do oriente se ia espalhando carmim, e o Bandaia era muito madrugador, a entrevista foi breve, como o recitar d'uma *Ave-Maria*.

Ainda assim, quando a rapariga chegou ao moinho, já o sol ia ferir notas estridulosas nas paredes caiadas das ultimas casas da villa, que mais corajosas, se tinham ido pendurar vistosamente no dorso agreste da montanha, e irisava uma corrente de agua, que descendo do cume da serra, se quebrava pouco depois n'uma larga presa. Em muitas folhas o orvalho perlava, dando effeitos de joalheria phantastica, e pelos rasgões que o sol, triumphantemente, ia abrindo na neblina esparsa que andava nos altos, negrejavam massas de granito.

Da fresta esguia do moinho, o Bandaia, que se levantava sempre com o sol, espreitava a atmosphera dando-se ares de entendido. Mas como a porta estava em opposição á fresta, não viu entrar a filha.

Na claridade frouxa do primeiro pavimento, que, fechada a porta, apenas tinha luz da abertura estreita da escada,—a Margarida não reparou n'um sacco de farinha que estava deitado no chão, cahiu, e como bateu n'uma velha mó abandonada... foi uma vez.

Dias depois, lavadeiras que iam para o rio, de manhã muito cedinho, ao atravessarem as terras de *Pero Dias*,—terrenos asperos, incultos, tristes pela negrura de penedias graniticas,—fugiram espavoridas, n'uma gritaria:

—«Credo! credo!»—

E contaram na villa que o Bandaia estava morto, cahido em cima d'umas pedras.

Evidentemente, o moleiro tinha sido atirado pela vela; mas fôra acaso?

Hoje, o moinho não trabalha. Faz tristeza vêr a parede farrusca, onde o inverno tem posto tintas soturnas; a coloração de betume espalhado na cupula; o tom sujo da orla inferior, desmaiado e terroso, como está agora o das iniciaes rendilhadas, que os miniaturistas da edade media punham a illuminar os livros de *Horas*.

Mas o meu caseiro, bom philosopho, commentou a minha tristeza, quando passámos hontem por lá:

—«Isto é mundo, *home!*»—

José Pessanha.

RESENHA NOTICIOSA

Fallecimento. Falleceu em Ponta Delgada o sr. José Affonso Botelho de Andrade da Camara e Castro, escrivão e tabelião do juizo de direito da comarca, erudito litterato fundador do jornal *Fayalense* e possuidor de uma bibliotheca de mais de dez mil volumes. Foi um dos fundadores do Gremio Litterario e do Club Amor da Patria, na ilha do Fayal. Trabalhava ha tempos n'uma reconstrucção dos *Lusiadas* pelas citações, obra que deixa muito adiantada, sendo de esperar que seu filho, o sr. Jayme Botelho de Andrade, a conclua.

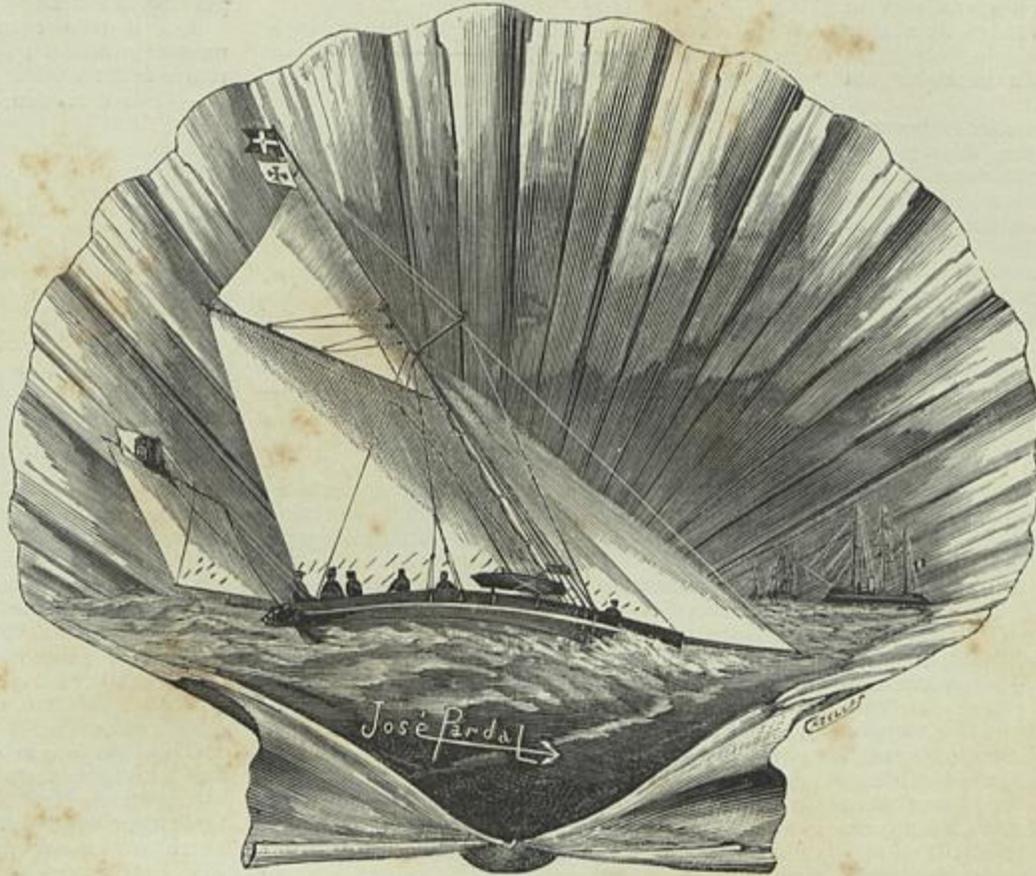
Obras do porto de Lisboa. Vão muito adiantados os preparativos para principiar as obras do porto de Lisboa, a inauguração das quaes terá logar no dia 16 do corrente, anniversario natalicio de sua magestade a rainha D. Maria Pia. Ainda ha poucos dias entrou no Tejo o vapor *Iberia* rebocando uma barcaça com material para as obras, e como esta já tem vindo mais. Este vapor, porém, trazia a reboque mais duas barcaças que se perderam no mar alto, sendo já tres as que se perdem na viagem para Lisboa.

Porto de Pernambuco. O governo brazileiro poz a concurso as obras do melhoramento do porto de Pernambuco.

Museu privado. Organisou-se em Londres um museu de objectos usados na passagem de contrabando, onde se encontram as coisas mais curiosas e que revelam até que ponto póde chegar a imaginação de um contrabandista. Este museu, porém, só póde ser visto por empregados aduaneiros, para se instruirem nos differentes meios de que se servem os contrabandistas para illudirem a fiscalisação das alfandegas.

Sociedade da cruz vermelha. Esta sociedade celebrou no dia 24 de setembro, em Carlsruhe, a sua conferencia internacional, á qual veiu assistir expressamente a imperatriz da Allemanha acompanhada pelo grã-duque reinante, a grã-duqueza e o grã-duque herdeiro. A imperatriz offereceu á conferencia 6:000 marcos, 9 medalhas de prata e 3 medalhas de ouro, para fomentar o desenvolvimento d'esta sociedade em todas as nações. Foram nomeadas commissões para darem parecer sobre o seguinte: 1.º sobre a applicação a dar á offerta da imperatriz da Allemanha; 2.º sobre a necessidade de se adoptar um uniforme para os medicos, enfermeiros e mais membros da sociedade. Pelo professor Krask foi apresentado um relatorio ácerca do tratamento dos ferimentos de guerra. Sua magestade o imperador do Brasil, que chegou a Calsruhe, felicitou os delegados portuguezes por terem sido escolhidos para tomarem parte n'aquelle congresso humanitario.

A cura da hydrophobia por Pasteur. O mal succedido de algumas curas praticadas por Pasteur ou pelo seu systema, junto á opinião de alguns medicos, mesmo francezes que poz em duvida a eficacia do tratamento Pasteur, tem levantado ultimamente na imprensa de todos os paizes, discussões acaloradas entre os que defendem e os que atacam esse systema, concorrendo tudo para pôr muito em duvida a sua eficacia. Pelo ministerio do reino foi expedida uma circular a todos os governadores civis, para que não sejam enviadas a Paris mais pessoas atacadas de hydrophobia.

O estado livre do Congo. Os indigenas do Congo continuam a reagir contra a authoridade extrangeira do *Estado Livre do Congo*, esse parto monstruoso da *Internacional*, do qual não chegará a sahir sequer um ratinho. As ultimas noticias dizem que foi alli assasinado pelos pretos de Quillon o capitão de infanteria de marinha Pleigneur.

O YACHT DE RECREIO «AURA» PERTENCENTE A S. A. O SR. INFANTE D. AFFONSO

(Desenho do artista amador sr. José Pardal)

PROVIDENCIAS CONTRA OS INCENDIOS DE THEATROS EM FRANÇA. As authoridades francezas, como já é notorio, tomaram as mais rigorosas providencias no sentido de prevenir os incendios nos theatros, e entre essas providencias uma das mais importantes foi a de preservar do fogo as peças de scenario por meio de um banho que as torna incombustiveis.

NOVA ENFERMIDADE NA VINHA. Em França appareceu além do *Black-rote*, mal da vinha, a que já aqui nos referimos, uma nova molestia denominada *Comothyrium diplodiella*, que não é menos devastador que os males já conhecidos.

A TEREBINTHINA APPLICADA Á CURA DO GARROTILHO. O dr. Lewventaner, de Constantinopla, acaba de obter uma cura satisfatoria de uma angina dyphterica, pela applicação da terebinthina. O doente achava-se atacado até á larynge e depois do medico ter applicado o acido borico e chlorhydrico sem resultado, lembrou-se de recorrer á terebinthina, aconselhada pelo dr. Demlow, antes de praticar a tracheotomia. Ministrou ao doente duas pequenas colhéres de essencia de terebinthina, seguidas de um copo de leite morno. Quinze minutos depois o doente respirava bem e adormecia tranquillo, e no dia seguinte achava-se curado. As falsas membranas tinham desapparecido da pharynge, que apenas se apresentava avermelhada. Uma ligeira erupção provavelmente determinada pela terebinthina evadiu a face, o tronco e as extremidades, mas estinguiu-se ao fim de dois dias.

MISSÕES PORTUGUEZAS EM AFRICA. Vão-se obtendo alguns resultados importantes das missões portuguezas em Africa, e as ultimas noticias chegadas d'alli dizem-nos que a Missão da Huilla vae prosperando lisongeiramente, devido aos esforços do reverendo José Maria Antunes. A missão tem 5 padres e 9 auxiliares, uma casa de educação com 60 creanças, um collegio de instrucção primaria com 10 alumnos, e um instituto para raparigas com 29 educandas, dirigido pelas irmãs missionarias, pertencentes ao instituto que tem a sua séde em Carnide. Possue mais instrumentos de agricultura para todos os trabalhos do campo, pelos processos mais modernos, incluindo apparelhos para distillações, serraria mechanica, moinhos movidos a vapor, wagons, uma fabrica de productos de cortiça e quatorze machinas e engenhos diversos.

MEDALHA. O sr. Molarinho, distincto gravador de cunhos, do Porto, foi encarregado pela Associação Commercial d'aquella cidade da gravura da medalha que a mesma associação vae offerecer ao sr. conselheiro Beirão, digno ministro da justiça. A medalha terá n'uma das faces um busto da immortalidade e na outra a dedicatoria e um emblema da justiça ou da lei. O exemplar para ser offerecido ao sr. Beirão será cunhado em ouro, e cunhar-se-hão outros em bronze com destino aos museos e bibliothecas.

MODELO DA ESTATUA DE D. AFFONSO HENRIQUES. Consta que a Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, vae adquirir para o seu importante museu o modelo feito pelo esculptor, sr. Soares dos Reis, para a estatua de D. Affonso Henriques destinada ao monumento que em breve vae ser inaugurado na cidade de Guimarães. É uma preciosa acquisição que muito enobrece a illustre sociedade.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Archivo dos Açores, *publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana.* IX vol. n.º 1, Ponta Delgada, etc. Os oito volumes publicados d'esta obra encerram os mais valiosos documentos historicos dos Açores, como já aqui se tem dito, e cada fasciculo que se publica mais corrobora esta affirmação.

Flôres historicas, *diccionario das allusões aos factos e aos ditos memoraveis que se encontram nos escriptores, collecta feita entre varios auctores,* por Narciso José de Moraes, Livraria Minerva de Guilherme Clavel de Moraes & C.ª, editores, Porto, 1887. Um volume in-8.º de 278 paginas, incluindo indice. Quantas vezes o leitor terá lido phrases ou allusões sem que saiba avaliar devidamente todo o seu alcance. Esta falta acaba de a remediar o sr. Narciso José de Moraes com as suas *Flôres Historicas*, obra erudita que tanto póde aproveitar ao litterato como ao leitor. O assumpto dava margem para obra mais volumosa, entretanto o auctor limitou o seu livro ás dimensões vulgares, reservando, talvez, o desenvolver mais a obra em segunda edição, que é de esperar se faça.

Almanach Illustrado da Empreza Horas Romanticas. David Corazzi, editor, Lisboa. 15.º anno de publicação d'este interessante livrinho, já sufficientemente conhecido do publico, para que aqui lhe façamos qualquer recommendação.

TYP. CASTRO IRMÃO — Rua da Cruz de Pau 31 — Lisboa